

FILHOS E filhos: AS PARTICULARIDADES DO SER CRIANÇA NO IMPÉRIO INCA E DA CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA NA EUROPA

Annita Muratori

Wendy Santana

RESUMO

Em nosso artigo pretendemos discutir a respeito do papel desempenhado pela criança na sociedade Inca em comparação com a visão de infância compartilhada entre os europeus no início da época moderna. Visamos identificar as diferenças e particularidades no tratamento dispensado às crianças entre essas duas culturas distintas.

Palavras-chave: Crianças; Incas; Infância; Europa; Família.

INTRODUÇÃO

No final da década de 60, a chamada “Nova História” se caracterizou pela diversidade de tendências, entre elas a História das Mentalidades. A partir daí, surgiram várias pesquisas dentro do domínio da “longa duração”, onde os historiadores deram enfoque para a análise das relações sociais, recorrendo-se a uma maior diversidade de fontes, como a literatura e as demais expressões artísticas, pondo fim à hegemonia do documento oficial nos trabalhos de pesquisa histórica.

A história da infância integra as novas temáticas desenvolvidas a partir desses pressupostos teóricos construídos pelos historiadores do grupo dos Annales. O Historiador francês Philippe Áries foi um dos pioneiros a se utilizar dessa diversidade de fontes para analisar a construção do sentimento da infância ao longo do tempo. No prefácio de seu livro “História Social da Criança e da família”, Áries comenta a respeito dos princípios teóricos que norteiam sua interpretação:

A história das mentalidades é sempre, quer o admita ou não, uma história comparativa e regressiva. Partimos necessariamente do que sabemos sobre o comportamento do homem de hoje, como de um modelo ao qual comparamos os dados do passado - com a condição de, a seguir, considerar o modelo novo, construído com o auxílio de dados do

passado, como uma segunda origem, e descer novamente até o presente, modificando a imagem ingênua que tínhamos no início.¹

Mary Del Priori possui muitos trabalhos nessa área no âmbito nacional. A historiadora afirma que a voz das crianças só chega até nós através dos adultos, ou seja, dos médicos, professores, padres, educadores, legisladores. É dessa forma que obtemos informações sobre a criança do passado. No caso das crianças incas, que viviam em uma sociedade voltadas para o trabalho, podemos identificar seu modo de vida através do estudo das leis, pois elas regulavam toda a vida social, de maneira que estas distribuíam as terras e as lavouras que deveriam ser cultivadas, determinavam como poderia se vestir, se casar e como criar seus filhos. Os historiadores estudam essas leis, que foram registrados pelos cronistas espanhóis e, examinado os objetos que chegaram até o presente, assim procuram reconstruir a vida dos indivíduos que compunham a família inca.

Nosso objetivo é esclarecer o conceito de individualidade nas famílias nucleares da Europa medieval, o que levou as crianças a segundo plano na vida do casal, enquanto que nas famílias- compostas do império inca, havia uma tendência para o coletivo, em que os filhos se identificam não só com os pais, mas com todos os seus parentes que estão próximos a eles e que também são responsáveis por sua vida, realçando, assim, os laços de familiaridade entre essas crianças e a comunidade como um todo. Deste modo, localizando os “Filhos e filhas”, os diversos olhares sobre as crianças, podemos incluí-los entre as inúmeras e instigantes páginas da história.

A MATERNIDADE: DA PRATICIDADE À NEGAÇÃO DA RESPONSABILIDADE

Nesse estudo, procuraremos analisar a criança com o meio onde ela se vê. Partindo dessa visão, é importante analisar como a relação entre mãe e filho vem sendo construído na sociedade inca e européia, por compreendermos que essa relação de maternidade se transforma ao longo do tempo e de acordo com a cultura pela qual esta inserida.

Na sociedade inca, essa relação era de proximidade. A chegada de um bebê era comemorada com alegria, pois as crianças eram vistas como futura força de trabalho.² A mãe amamentava a criança o maior tempo possível, até a idade de dois anos. Não tinham o costume de pegar a criança no colo, do contrário diziam que “ficavam chorões”. Também se abstinham de relações sexuais enquanto tinham que cuidar dos bebês, pois achavam que “a criança enfraqueceria ou escassearia o leite”. Para onde fossem essas mães carregavam seu filho preso a um xale amarrado ao peito para que pudessem, assim, realizar seus trabalhos cotidianos.

As européias do século XVII desprezavam a amamentação. Muitas diziam que amamentar emagrecia demasiadamente seus corpos, deixando-as frágeis as doenças³, argumento desprovido de fundamento médico. Quando não se defendiam a favor de sua saúde, alegavam prejuízos a sua beleza:

(...) las mujeres utilizan el argumento estético y juran que si dane l pecho su belleza, el más valioso de sus bienes, las abandonará. Se consideraba (y se sigue considerando) que el hecho de amamantar deforma el pecho y afloja los pezones.⁴

Elizabeth Badinter cita o famoso educador espanhol do século XVI, J. L. Vives⁵, que afirmava que as mães perdiam seus filhos quando os alimentavam voluptuosamente. Não que o escritor fosse contra a amamentação, mas acreditava que essa prática poderia levar a ruína da criança, pois poderia representar um gozo físico para a mãe ou até mesmo um prazer sexual, que seria do mesmo modo compartilhado pelo bebê.

Até o século XVII era comum na Europa entregar os bebês a uma ama, principalmente entre as classes aristocráticas. A criança era considerada um estorvo, como uma desgraça. Por isso muitas mães entregavam seus filhos para uma ama que cuidaria dele até crescer o suficiente para, muitas vezes, ser mandado para algum internato, ou então voltar para a casa dos pais.

No século XVIII, esses costumes se estenderam por todos os estratos sociais da sociedade urbana. A mulher era necessária para tomar conta da loja dos maridos que tinham ofícios ligados à alimentação; quando os maridos trabalhavam na seda, a mulher tinha que ajudar no tear e tecer. Se a mulher não pudesse assumir o seu papel na economia do lar, toda a empresa familiar se arriscava a soçobrar. Não tendo condições

de dar atenção a seu bebê mandavam-nos a alguma ama no campo, que se sustentava ocupando-se em amamentar e cuidar de muitos bebês. Não eram raro alguns deles morrerem, em decorrência da falta de alimentação adequada ou negligência de suas babás. No entanto a morte desses pequeninos não parecia ser muito sentida por seus pais, uma vez que nessa sociedade o planejamento familiar era quase inexistente e essas famílias tinham muitos filhos, quase um por ano.⁶

Observamos nesses dois casos que entre os Incas, as crianças eram mais facilmente integradas à rotina da família. Já os europeus não tinham muito contato com as crianças, passando a responsabilidade dos primeiros cuidados a desconhecidos. Esses pequeninos possuíam teoricamente um “lar” junto a seus pais, mas, na realidade, cresciam entre amas e eram iniciados nos meios sociais dos quais essas mesmas babás advinham.

EDUCAÇÃO: CONTINUAÇÃO DE OFÍCIOS E DISCIPLINARIZAÇÃO DOS “INSTINTOS” INFANTIS

Outro meio pelo qual se pode analisar a posição da criança numa cultura é identificar quais os métodos adotados no intuito de disciplinar as mesmas dentro de uma reprodução das relações sociais presente em sua realidade.

A educação das crianças incas plebéias era dada por seus pais, enquanto participavam das tarefas diárias. Somente as crianças nobres poderiam frequentar a escola, e isso fica bastante claro no dizer de um governante inca:

Não é conveniente que os filhos dos plebeus recebam ensinamentos que só são apropriados aos nobres, para que as classes inferiores não fiquem arrogantes, pondo em risco a república. É suficiente que aprendam as profissões de seus pais, pois o governo não é de sua conta.⁷

Percebemos também nesse trecho a divisão de classes presente na sociedade inca. Nessa sociedade pré-colombiana existia uma classe não trabalhadora, representados pelos nobres e sacerdotes, que viviam da apropriação do excedente, produzido pela classe trabalhadora (artesãos e camponeses). Esse excedente, que consistia em gêneros agrícolas, eram produzidos ou através da mit'a, um forma de trabalho gratuito para o

Estado ,ou pela construções de obras públicas (estradas, canais de irrigação, construção de represas e nas minas etc.).

Dessa forma, a criança inca plebéia aprendia as lições de trabalho com seus parentes. As meninas incas plebéias aprendiam as tarefas domésticas com sua mãe, enquanto os meninos aprendiam com o pai o ofício que teriam por toda a vida.

Mesmo nesse assunto, o Estado tinha o que dizer. Os incas conceberam uma organização uniforme do trabalho, do nascimento até a morte, dividindo seus cidadãos em doze categorias, em função de idade e sexo. Todo homem mulher e criança, a partir dos cinco anos, desempenha tarefas definidas. Nos primeiros anos a menina ajudava a cuidar de bebês, a preparar a chicha, a ir buscar água e forragem e a arrancar ervas daninhas. Os meninos pequenos cuidavam dos animais e espantavam as aves das plantações.⁸

Na sociedade inca existia uma grande valorização do trabalho, que era transmitido para a criança cedo. A preguiça era condenada e o cidadão procurava viver de acordo com três regras: “não roubar, não mentir, não ser preguiçoso”.⁹

Garcilaso de la Vega mostra como a educação moral era importante no mundo inca, pois quando a criança cometia um delito, o pai também era castigado por não ter doutrinado nem corrigido seu filho desde a infância. Leiamos o trecho:

Estava a cargo do decurião acusar o filho de qualquer delito, assim como o pai; por isso criavam os filhos com tanto cuidado para que não andassem fazendo travessuras nem sem-vergonhices pelas ruas, nem pelos campos; daí, ademais da natural condição que os índios têm, saíam os jovens, pela doutrina dos pais, tão educados que não havia diferença entre eles e uns cordeiros mansos.¹⁰

Para entendermos o significado da educação para os ocidentais, devemos atentar para a maneira como eram vistas as crianças na Europa. A teologia elaborou através de Santo Agostinho a imagem dramática da infância. A criança era símbolo das forças do mal, nascida sobre o peso do pecado original. O teólogo condenava-as porque elas eram a evidência da natureza corrompida do homem. Para Santo Agostinho, o pecado de uma criança não diferia em nada do de seu pai:

El pensamiento de san Agustín reinó durante mucho tiempo en la historia de la pedagogía. Fue permanentemente retomado hasta fines del siglo XVII, y diga lo que se diga mantuvo una atmósfera de dureza en la familia y en las nuevas escuelas.¹¹

Os pedagogos, que geralmente eram teólogos, recomendavam aos pais que fossem frios com seus filhos, para que não fossem acusados de cultivar a malícia natural deles. A educação servia como instrumento para disciplinar os pequenos contra seus “instintos”. A pedagogia do século XVII tem uma função importante como castigo redentor, pois para salvar a alma, acreditava-se que era preciso castigar o corpo.

Segundo Descartes, a infância é um período da vida na qual o entendimento e a racionalidade se encontram sobre a dependência do corpo. As crianças eram desprovidas de juízo e crítica e se deixavam guiar pelas sensações de prazer e dor, personificando, também um verdadeiro estado de horror para esse filósofo, orientado pelas atitudes calculadas e resultados precisos.

A infância era um mal que o homem deveria se libertar para ser digno de ser chamado assim. De qualquer maneira, a educação nessas sociedades assumia um papel de condicionar as crianças para a maneira de como se portar e para as tarefas que deveriam sempre cumprir ao longo de sua vida.

O UNIVERSO LÚDICO: BRINCANDO DE VIVER

As brincadeiras revelam muito da maneira pelas quais as crianças se defrontavam com a sua realidade ao mesmo tempo em que estimula a imaginação destas. Essas brincadeiras são reproduções da rotina doméstica e política dos adultos.

As meninas e meninos do império inca não passavam muito tempo a brincar, por causa de suas obrigações domésticas, mas reproduziam, em suas brincadeiras a tarefas que costumavam fazer em seu tempo livre.

A Acutasita era um jogo na qual meninos e meninas se agarravam uns aos outros numa longa fila e corriam de um lado para outro volteando obstáculos. As crianças podem ter sido inspirada por uma dança ritualística chamada “Amarú”(cobra grande).

Foram achadas em tumbas escavadas em Chancay bonecas feitas de barro ou de panos, nas quais as meninas chamavam guauachuqui e cuidavam como se fossem filhos.

Os meninos participavam de jogos de caça (chaco) na qual manejavam o lihuy, um tipo de boleadeira. Muitos deles também, além de rapazes e adultos, passavam horas a jogar a pecosita, na qual bolas de madeira e borracha eram arremessadas em uma cancha de areia ou terra.

Outros tipos de brincadeiras faziam parte do dia-a dia dessas crianças, como a simpasita:

Para os maiores havia um passatempo romântico, o simpasita, que consistia em atar um cordel nos dedos, e conforme o cordão se entrelaçava tentar saber se a pessoa desejada estava ou não também enamorada.¹²

Havia da mesma forma jogos de azar entre essas crianças. O huairusita ou pishcasita. O jogo acontecia geralmente em velórios e duravam muitas noites como no costume. Um dado de osso com cinco faces, cada face com um valor específico, era utilizado para apostas de “porquinhos-da-índia”, roupas, peças de artesanato e animais.

Quanto às crianças européias, observamos que estas desenvolveram brincadeiras que além de imitarem os afazeres dos adultos, eram construídas pela imaginação e pelo imaginário característico da infância. Como exemplo, temos a “cabra cega”:

A brincadeira de cabra-cega também foi encontrada em uma tapeçaria do início do século XVI, representando camponeses e fidalgos, com um detalhe, não apareciam crianças. Na Holanda, na segunda metade do século XVII, vários quadros tinham a representação de pessoas, também brincando de cabra cega, nesta época já apareciam crianças misturadas com adultos.¹³

De acordo com Ariès, o cata-vento que permanece como entretenimento para muitas crianças da modernidade, teria surgido a partir da imitação da técnica usada nos moinhos de vento, introduzida na Idade Média.

O pião já era conhecido na França do século XVII. O arco, que consistia numa argola de ferro equilibrada por uma varinha, apareceu no fim da Idade Média e também era utilizada por adultos. Tyzuco Morchida Kischimoto associa a brincadeira do “bilboquê” na utilização dos ouvires, para carregar os pedaços de ouro. Esse brinquedo era utilizado pelo rei Henrique III(1551-1589) e foi moda na corte de Luiz XIII (1638-1715). A perna de pau adveio dos romanos, que a utilizava para atravessar os terrenos alagados.

Philippe Áries reflete sobre esses velhos brinquedos que caíram em desuso. Argumenta que, para manter a atenção das crianças, o brinquedo deve despertar alguma aproximação com o universo dos adultos. Assim, concluímos que tanto as brincadeiras desenvolvidas pelas crianças incas e européias estão diretamente relacionadas com os afazeres da maturidade.

DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: RITOS DE PASSAGEM À PUBERDADE E O CONCEITO DE INFÂNCIA

A passagem para o mundo adulto era realizada com muita cerimônia. Após o desmame, acontecia o rutuchicoy, festa da qual participavam parentes e amigos. O homem mais idoso entre os parentes cortava uma mecha do cabelo da criança. Era eleito um padrinho e cada um ía cortar o cabelo do bebê e ofereciam a ele um presente. Até aqui a criança era chamada apenas por “wawa”.

Por ocasião do Rutuchicoy, o garoto recebia um nome provisório (...), por exemplo, Tempestade, Areia fina e outros. Esse nome permanecia durante toda a sua infância, até a atribuição do nome definitivo, por ocasião da puberdade. Então o menino receberia o nome de um animal ou de uma qualidade associada ao animal - por exemplo, Puma, Dragão, Serpente, Gavião, ou, então Bravo, Honorável ou Feliz. As meninas recebiam nomes como Estrela, Auréola, Coca, Ouro ou o nome de uma flor.¹⁴

Aos 14 anos os meninos recebiam sua primeira huara, ou tanga, símbolo de virilidade, na festa conhecida como huarachicoy.

O rito de puberdade das meninas envolvia a família e os amigos e acontecia após a primeira menstruação. Era a quicochicoy. A menina aparecia no quarto dia, banhada

para receber seus hóspedes, ganhava presentes de cada visitante e o homem mais velho escolhia seu nome.

Segundo o Inca Garcilaso de la Vega, os incas davam grande importância à primogenitura, e faziam festa apenas para os filhos primogênitos, e não as filhas e os varões segundos e terceiros, pelo menos não como o do primeiro. A festa realizada pelo povo durava de 2 a 4 dias, enquanto que a do príncipe herdeiro durava nada menos que 20 dias, era uma solenidade real, sendo o padrinho o sumo sacerdote.

As meninas de 9 a 12 anos, começavam a tecer e a ser responsáveis pela colheita de ervas daninhas medicinais e culinárias. Algumas trabalhavam como pastoras, mas a maioria permanecia em casa, tecendo e desempenhando tarefas domésticas.

As meninas de origem nobre poderiam ser escolhidas como virgens do Sol. Eram escolhidas ou pela linhagem ou pela formosura, e haviam de ter o mesmo sangue. Eram separadas a partir dos 8 anos, segundo Garcilaso e viviam em casas de recolhimento que existiam em muitas províncias.

No Antigo Regime da Idade Média não existia o “sentimento da infância”. Quando a criança não precisava mais do apoio da mãe ou da ama ela já passava a freqüentar festas e reuniões de adultos:

Essa infância muito curta fazia com que as crianças, ao completarem cinco ou sete anos já ingressavam no mundo dos adultos sem absolutamente nenhuma transição. Ela era considerada um adulto em pequeno tamanho, pois executava as mesmas atividades dos mais velhos.¹⁵

Até o século XVIII, não havia termos na língua francesa para diferenciar a infância, a adolescência e a maturidade, o que reflete a ausência da preocupação com o período específico das crianças. É somente no século XVIII que o vocabulário referente à infância e a adolescência ampliou-se progressivamente, principalmente entre as famílias nobres.

O primeiro sentimento que surge em relação à infância é o que Áries chamou de “paparicação”, que expressa um primeiro estalo da percepção da criança na família, na qual também é tendência sensível no campo das artes:

A análise da evolução das pinturas do século XIII ao XVI mostra como a sociedade, a partir do século XVI, passou a olhar a criança de modo diferente: de fato, a presença da criança na família seria sublinhada, sobretudo, por ser considerada engraçadinha, por fazer gracejos.¹⁶

Dessa maneira o sentimento da infância pode ser entendido em dois momentos distintos: o primeiro, na qual a criança é vista como um ser lúdico, servindo como instrumento de distração para os pais através dos vários mimos que estes concedem; e, um segundo, onde a formação moral da criança deve ser garantida a partir do zelo pela saúde, higiene e bem estar físico para com ela.

A definição de infância não era muito clara na Europa, onde se identificava a maturidade dos indivíduos quando estes se casavam, principalmente em relação às mulheres. Na sociedade inca, a maturidade é comemorada por cerimônias que marcam devidamente a passagem da infância à idade adulta, o que propicia privilégios e impõem novas responsabilidades para o jovem que passa por esses rituais.

CONCLUSÃO

Para concluir, podemos relembrar os principais pontos estudados no decorrer desse artigo, como o importante papel que exercia a família na sociedade inca, na qual era a responsável por promover a sociabilidade da criança, transmitindo os ensinamentos, as regras e os valores morais da cultura na qual estavam inseridos. Dessa maneira a criança passava a sentir-se como parte integrante dessa sociedade.

A influência da família da vida das crianças da Idade Média já não era tão relevante, uma vez que, principalmente entre os nobres, as crianças eram criadas por estranhos e chegavam a tratar os pais com a mesma formalidade que às pessoas não tão próximas.

Não podemos esquecer também o papel do estado como agente regulador na sociedade inca, as leis e as regras são bastante clara para os pais e estes procuram segui-las como devem. Entre os europeus, não havia muitos cuidados para com as crianças e muitas morriam pelo descaso e negligência dos pais.

A fase da infância precisa de cuidados específicos quando abordada em tempos passados ou culturas diferentes como vimos aqui. No entanto, apesar do minucioso cuidado na interpretação, o estudo sobre a história dessas crianças nos conduz a um olhar melhor elaborado sobre o processo de construção das atitudes infantis e nos apresenta um pouco da vida cotidiana e da mentalidade de personagens reais que por muito tempo foram excluídos ou entendidos como coadjuvantes na escrita da história da humanidade.

NOTAS

¹ ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, 2ª edição, p.26.

² Vidas de duro labor e alegre diversão. *In: Civilizações perdidas*. Rio de Janeiro: Abril, 1998, p.129.

³ LINNÉ, Carl Von. *La nourrice marâtre* (1770).

⁴ BANDITER, Elisabeth. *¿EXISTE EL INSTINTO MATERNA? - Historia del amor maternal*. Siglos XVII al XX. Barcelona, Paidós, 1981, p.226.

⁵ *Idem*.

⁶ FLANDRIN, Jean-Louis. *Famílias. Parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa, Estampa, 1994 p.212.

⁷ Vidas de duro labor e alegre diversão. *Op.Cit.*, p.131.

⁸ *idem*.

⁹ *Ibidem*, p.140.

¹⁰ O Universo Incaico. *O Inca Garcilaso de la Vega*. SP: EDUC/Giordano/Loyolo, 1992.240p: (coleção memória nº. 14) p.38.

¹¹ BANDINTER, Elisabeth. *Op.Cit.*, p.141.

¹² *Idem..*

¹³ ALVES, Maria José dos Santos. “LEGADO HISTÓRICO DOS BRINQUEDOS” <http://www.ufrgs.br/tramse/tridi/2006/07/legado-historico-dos-brinquedos-maria.html>

¹⁴ Vidas de duro labor e alegre diversão. *Op.Cit.*, p.130.

¹⁵ UCHOA, Marcelo. “O surgimento do sentimento da infância”. www.overmundo.com.br/download_banco/a-historia-da-crianca-da-idade-media-aos-tempos-modernos

¹⁶ SEGUNDO, Rinaldo. “*A invenção da infância: pressuposto para a compreensão do Direito da Criança e do Adolescente*”. Texto extraído do Jus Navigandi:

<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=4542>